

A crônica e o ensino de literatura

The Chronicle and Literature Teaching

Luiz Carlos Santos Simon*
Universidade Estadual de Londrina - UEL

172

RESUMO: O ensaio discute qual é o papel da crônica nas esferas da literatura e do jornalismo. Além da análise de avaliações teóricas feitas por especialistas sobre como a consolidação do gênero depende da aproximação e do distanciamento de procedimentos literários e jornalísticos, são focalizadas crônicas de autores como Rubem Braga, Antônio Maria e Moacyr Scliar, com a finalidade de demonstrar a variedade de resultados nos seus escritos. O propósito do ensaio é verificar que o processo de transferência dessas questões para o espaço do ensino pode permitir uma série de debates na educação literária, através da revisão na definição de literatura, da demonstração de nexos mais íntimos entre literatura e vida ordinária e da necessidade de ampliação do repertório de leituras literárias à disposição de jovens leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica. Literatura. Jornalismo. Leitura literária.

ABSTRACT: The essay discusses what is the role of chronicle in the spheres of literature and journalism. Beyond the analysis on theoretical evaluations made by specialists upon how the consolidations of the genre depends on the closure and the fastening of literary and journalistic procedures, the chronicles of authors such as Rubem Braga, Antônio Maria and Moacyr Scliar are focused in order to prove the multiplicity of the results in their writings. The aim of the essay is to check that the process of transference of these issues to the place of teaching may allow many debates in literary education, through the review on conceptions of literature, the demonstration of intimate connections between literature and ordinary life and the need of increasing the number of literary readings to be chosen by young readers.

KEYWORDS: Chronicle. Literature. Journalism. Literary reading.

* Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Quero iniciar minhas reflexões partindo das ideias elaboradas há cerca de trinta anos por dois críticos literários - Antonio Candido e Davi Arrigucci Júnior - que se debruçaram sobre a crônica. Não constituem, portanto, novidades; menos ainda para profissionais e estudantes com interesses básicos no assunto, já iniciados em leituras sobre esse gênero. Candido afirma, logo nos primeiros momentos de seu texto “A vida ao rés-do-chão”:

Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor (CANDIDO, 1992, p. 14).

Já Arrigucci, em artigo sobre Rubem Braga, sustenta o seguinte: “Desde o princípio, deve ter sido difícil dizer, com precisão crítica, o que eram aquelas crônicas. Pareciam esconder a complexidade pressentida sob límpida naturalidade” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 30). Em outra ocasião, essa concepção do autor é estendida para a crônica em geral e embasa as ideias desenvolvidas no ensaio “Fragmentos sobre a crônica”: “[...] apesar de aparentemente fácil quanto aos temas e à linguagem coloquial, é difícil de definir como tantas coisas simples” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 51). Percebe-se que os dois autores se detêm sobre questões de naturezas distintas: Candido aborda uma situação relacionada às possibilidades de inserção da crônica no cânone literário, enquanto Arrigucci discorre sobre os processos de conceituação do gênero, concentrando-se na esfera teórico-crítica.

Existe, porém, um modo de estabelecer convergência entre essas abordagens: tais avaliações evidenciam desafios e limitações para o contato efetivo com a crônica. Embora, na sequência de seu texto, Candido construa uma leitura simpática da produção dos cronistas, a ideia de que se trata de um gênero menor persiste. Assim, acredito não ser exagero imaginar que questionamentos e dúvidas rondem os planos de estudantes de graduação e de

pós-graduação, de professores de ensino médio e superior e ainda dos pesquisadores em geral: por que vou me aproximar de um gênero menor, se tenho à disposição outros gêneros maiores e mais prestigiados? As ideias de Arrigucci podem também suscitar reações semelhantes. Diante da dificuldade de se defrontar com um objeto nebuloso, caracterizado por contornos múltiplos e imprecisos, o resultado pode ser a inibição: se a crônica pode ser isso e aquilo, se parece fácil, mas não é, por que mexer nesse “vespeiro”? É inevitável avaliar que tais incertezas têm reflexos sobre o meio do ensino de literatura: os alunos - especialmente os de cursos de graduação e pós-graduação em Letras -, influenciados pelo contato tímido com a crônica demonstrado por seus mestres, tendem a manter distância deste material.

Chegamos, assim, a uma bifurcação: por um lado, uma via asfaltada, bem sinalizada; por outro, um caminho acidentado, esburacado, estrada de terra. Em outras palavras, deve-se escolher entre o conforto ou o desafio. É natural supor que as práticas de pesquisa e a circulação da crônica no meio acadêmico sejam afetadas por esse impasse, ainda que recentemente contribuições teóricas diversas e a proliferação dos cursos de pós-graduação tenham aberto novas frentes de estudos. Meu interesse aqui, além da minha óbvia confissão de opção pelo desafio, é levantar, mesmo que de forma apenas introdutória, como esses problemas se transferem para o território do ensino de literatura e como eles podem se transformar em provocações produtivas para a abordagem de questões literárias. Disponho-me a focalizar aqui apenas um aspecto nesse trânsito entre debate teórico e experiências em sala de aula: as relações da crônica com a literatura e o jornalismo, incluindo a retomada do livro e do jornal como suportes, embora seja relevante reconhecer que outros tópicos poderiam ser contemplados, como as afinidades do gênero com os estilos de época, privilegiando traços românticos e modernistas, o parentesco com outras formas literárias, como o poema, o conto e o ensaio e ainda a relação da crônica com o tempo presente.

No âmbito das análises do lugar da crônica entre a literatura e o jornalismo, revela-se com frequência a tendência à polarização. Sobressai, a título de imagem que exemplifica essa atitude, a escolha de Eduardo Portella que recai sobre a ideia de transcendência:

o enriquecimento poético da crônica é uma maneira das mais eficazes de fazê-la transcender, de fugir ao seu destino de notícia para construir o seu destino de obra de arte literária. Convém lembrar que a crônica é um gênero literário que sai do jornal. Mais: é uma entidade que tem como principal problema, para se transformar num gênero literário propriamente dito, libertar-se de suas limitações jornalísticas (PORTELLA, 1958, p. 114).

Notam-se aí, nesse esforço teorizador pioneiro - cabe reforçar que é um texto escrito em 1958, configurando-se como no calor da hora, quando uma geração de variados e talentosos cronistas desponta nas páginas dos jornais e nas estantes das livrarias -, influências de concepções teóricas como formalismo ou mesmo da teoria da informação. É inevitável considerar também que o perfil de crônica introduzido por um autor como Rubem Braga requeria a inclusão de argumentos que evidenciassem peculiaridades naqueles textos em contraste com o padrão dos escritos jornalísticos. De qualquer modo, para situar o lugar da crônica, a inclinação para polarizar literatura e jornalismo manifesta-se também em outros críticos que produziram seus textos mais tarde, como Afrânio Coutinho, que se refere aos dois campos como “supostos contrários” (COUTINHO, 1986, p. 134), em Arrigucci, que menciona o duelo entre a “pura contingência” do jornal e o “mérito literário intrínseco” dos cronistas (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 53), e em Candido, que vê na crônica um progressivo abandono da “intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir” (CANDIDO, 1992, p. 15). Vale ainda registrar que a noção de transcendência é encampada literalmente por Massaud Moisés, para quem o objetivo do cronista “reside em transcender o dia-a-dia pela universalização de suas virtualidades latentes, objetivo esse via de regra minimizado pelo jornalista de ofício.” (MOISÉS, 1985, p. 104). Não pretendo aqui ter a ousadia de me insurgir radicalmente contra esse bloco de críticos, autênticos fundadores de uma teoria da crônica,

merecedores da justa projeção que têm nos estudos literários brasileiros. Atitude como essa levaria à suposição de que inexistem diferenças entre a crônica e os demais textos jornalísticos em geral, o que constituiria um tremendo equívoco, detectado por qualquer leitor minimamente familiarizado com essas modalidades de textos. O que cabe, porém, é examinar com mais minúcias os vínculos entre a crônica e o jornalismo a fim de verificar em que medida se sustentam as ideias de polarização e transcendência.

Um dos primeiros passos é reafirmar a condição dos jornais - e de revistas de variedades também, como *Manchete* e *O Cruzeiro* - como berços da crônica até bem recentemente: o blog surge como esse espaço com mais força apenas no século XXI; e mesmo assim, pode-se entendê-lo como um suporte que guarda afinidades com as práticas jornalísticas. Isso conduz o cronista muitas vezes a citar, em seus próprios textos, notícias inicialmente veiculadas em outras páginas da imprensa. São vários os exemplos. Rubem Braga, já em seu primeiro livro, *O conde e o passarinho*, de 1936, nos fornece um deles na crônica que dá título ao volume. Logo no segundo parágrafo, o cronista explica: “E esses dois personagens - o conde e o passarinho - foram os únicos da singular história narrada pelo *Diário de São Paulo*” (BRAGA, 1982a, p. 71). Mais adiante, o cronista providencia mais detalhes da ocorrência transformada em notícia: o conde estava passeando pelo parque, quando se aproximou um passarinho, bicou a fitinha da medalha exposta no peito do conde e saiu voando com o objeto do seu inusitado assalto. Como se pode imaginar, Braga não se restringe a pormenores do incidente. A crônica é repleta de frases verdadeiramente antológicas, muito representativas do gênero e que prenunciavam o talento do seu autor a ser exibido por mais de cinco décadas de atuação. Vejamos algumas: “Devo confessar preliminarmente que, entre um conde e um passarinho, prefiro um passarinho. Torço pelo passarinho”; “O conde não sabe gorjear nem voar”; “O conde gorjeia com o dinheiro que entra e sai de seus cofres, o conde é um industrial, e o conde é conde porque é industrial”; “Eu quisera ser um passarinho. Não, um passarinho, não. Uma ave maior, mais triste. Eu quisera ser um urubu”;

“Entretanto, eu não quisera ser conde. A minha vida sempre foi orientada pelo fato de eu não pretender ser conde. Não amo os condes. Também não amo os industriais. Que amo eu? Pierina e pouco mais” (BRAGA, 1982a, p. 71-72). Percebem-se, no conjunto dessas passagens, o afastamento do caráter informativo e a incorporação de um componente subjetivo que servem para tornar mais nítidas as diferenças entre o texto do cronista e uma notícia de jornal. Tal subjetividade é a porta de entrada para o lirismo que também aumenta as expectativas e os componentes de literariedade na crônica.

Procedimentos desse tipo são comuns na produção de Braga e de outros cronistas. Em “O suicida” e “Os olhos de Isabel” - ambas do livro *O homem rouco* - e ainda em “Flor de maio” - texto que integra *A borboleta amarela* -, há rápidas menções a notícias curtas que funcionam como motes para o desenvolvimento das crônicas. Em todas, pode-se apontar o aproveitamento dos acontecimentos brevemente noticiados - o suicídio de um rapaz simples, a instalação de um banco de olhos para transplante e o anúncio do desabrochar da flor de maio no Jardim Botânico - como matérias com potencial para explorações de outra natureza. As crônicas firmam-se como textos novos que abdicam de meramente repetir as informações presentes nas notícias, textos primeiros. Aliás, não faltam acréscimos nas intervenções do cronista: em “O suicida”, Braga reúne os depoimentos de vizinhos do morto, moradores do bairro ocupados em seus afazeres e até desdenhosos do ato trágico; em “Os olhos de Isabel”, o texto inclui delírios e miragens como desdobramentos da abordagem de assuntos, como cegueira e visão; e no texto “Flor de maio”, a atração natural do Jardim Botânico, exaltada pelo cronista que convida o leitor a visitá-la, é confrontada com o ritmo frenético da “cidade imensa” (BRAGA, 1982b, p. 122). Se as crônicas constituem, portanto, textos inequivocamente diferentes daqueles proporcionados pelas notícias, não se pode, contudo, interpretar que haja uma superação do material jornalístico, que afinal é fonte essencial para o trabalho dos cronistas ou ao menos parte fundamental para que aquele novo texto seja construído. O cronista não deixa de beber nessa fonte, mesmo que ele busque ou atinja sabores muito

particulares nessa ingestão. É preciso, portanto, reconhecer que as relações da crônica com a literatura e com o jornalismo não se reduzem a operações tão simples: se as produções de Rubem Braga oferecem resultados muito distintos dos obtidos pelas notícias de jornal, respaldando as aproximações críticas entre crônica e literatura, não se deve entender que esse percurso represente o desligamento da atmosfera jornalística com a qual o cronista mantém convívio permanente. Ao mesmo tempo, de acordo com outra perspectiva, o forte vínculo com a imprensa - contratos assinados, vivências na redação, a tradição do gênero, enfim - não impede que o cronista adicione a seus escritos ingredientes pouco comuns nas demais composições jornalísticas, como a subjetividade e um cuidado muito peculiar com a linguagem.

A pluralidade dessas conexões entre crônica, literatura e jornalismo não se manifesta apenas nos escritos de Rubem Braga. Acredito que, entre autores dessa geração que se projetou em meados do século XX, podemos encontrar farto material a ser explorado em cronistas como Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Lourenço Diaféria, Carlos Heitor Cony, entre outros.

Com uma trajetória marcante no que diz respeito aos arranjos para a incorporação do noticiário aos seus textos, um nome selecionado para integrar essa discussão é o de Antônio Maria. Entre 1959 e 1961, o autor manteve no jornal *Última Hora* uma coluna intitulada “Romance Policial de Copacabana”. Nos textos para a coluna, Maria ora relatava ocorrências policiais ora comentava acontecimentos bastante recentes e, ainda, em algumas vezes, incumbia-se das duas coisas. O leitor tem acesso, assim, no mesmo texto, ou em textos publicados com curto intervalo de tempo, ao episódio em si e aos juízos expressos pelo cronista. Muitas vezes, os assuntos preferidos para os casos selecionados eram o adultério ou crimes passionais, como nas crônicas “Honra” e “Adultério e considerações”. Esta última tem início sugestivo e constitui exemplo bastante representativo da composição predominante dos

textos do autor: “No jornal, a notícia de um flagrante de adultério, onde se dá muita importância ao fato de um dos flagrados ser almirante. Pelo texto, o flagrante me pareceu ilegítimo, uma vez que a porta foi aberta à Polícia, espontaneamente, pela mulher flagrada.” (MARIA, 2002, p. 49). O fato é apresentado e, antes mesmo de qualquer detalhamento do flagrante, o cronista já introduz avaliações e conjecturas sobre circunstâncias supervalorizadas na notícia e sobre a própria ação policial. Maria chega a insinuar, sem descartar sua ironia, que poderia nem sequer haver adultério no episódio: “Se, na entrada da Polícia, fossem ambos encontrados em abraços e beijinhos, e carinhos sem ter fim, aí, sim. Mas não. A mulher tinha, no olhar, toda a autoridade de honradez intata...” (MARIA, 2002, p. 49). Nota-se, portanto, que o cronista não se satisfaz em apenas reproduzir os acontecimentos, uma vez que é promovida inclusive a intertextualidade com a canção “Chega de saudade”, composta por Tom Jobim e Vinicius de Moraes. O que determina, aliás, a elaboração de seu texto é o desejo de intervir, de inserir suas opiniões sobre o caso e sobre histórias de adultério em geral e de seus flagrantes. Seu texto, assim, não se esgota com o mero registro de fatos que caracteriza as notícias convencionais. O autor deixa nítidas suas pretensões de se desvencilhar de qualquer tom neutro ou impessoal e ainda explicita uma espécie de marco divisório na metade de seu texto, ao anunciar que, a partir dali, vai abdicar dos fatos e dedicar-se a comentá-los: “Esta é a notícia, diante da qual o cronista lavra o seu protesto. Agora, passemos às considerações em torno.” (MARIA, 2002, p. 49). Cabe reconhecer que ao distanciamento da neutralidade corresponde o afastamento entre sua crônica e o texto da notícia. E já é possível também pressentir que o teor de suas considerações se desviará dos padrões morais vigentes no século XX no que diz respeito à infidelidade conjugal, como se vê no prosseguimento da crônica:

Não há nada de maior mau gosto que o flagrante de adultério. Examinemos, inicialmente, a parte que promove a diligência policial, é claro, o marido. Que satisfação teria esse herói em ver sua mulher, ou ex-mulher, em atitude mais íntima, na companhia de outro homem? (MARIA, 2002, p. 49).

Além de abster-se da imparcialidade e de reivindicar a condição subjetiva para sua crônica, Maria desafia o moralismo e o machismo que historicamente servem para a condenação do adultério e aliviam a situação do marido traído e sua honra. No texto apreciado, o misto de repórter, comentarista e escritor não só menospreza a vítima da infidelidade ao ironizá-la com o epíteto de herói, mas ainda prega respeito ao adultério que, segundo suas considerações, “é pecado, é ilegal, é tudo o que se queira, mas existe desde os começos da humanidade” (MARIA, 2002, p. 50). Curiosamente, o adultério passa a merecer do cronista um discurso sobre respeitabilidade, antiguidade e tradição que é mais guardado para seu antípoda, o casamento. Com todos esses movimentos, revela-se o impulso de um autor que, sem abandonar o ambiente da imprensa em que transita, se dispõe a enfrentar práticas jornalísticas e concepções ideológicas muito arraigadas.

Outra experiência significativa que envolve a relação entre literatura e jornalismo é a de Moacyr Scliar na *Folha de S. Paulo*. Uma longa experiência, que, iniciada em 1993, prosseguiu até a morte do autor em 2011. Scliar assumia essa proximidade entre os dois campos ao recorrer a notícias publicadas poucos dias antes no próprio veículo que eram anexadas como motes ao início de suas crônicas. As notícias tinham origem em seções muito diversificadas: cadernos de economia, do cotidiano, de política, de esportes, de artes, de entretenimento, de informática. A natureza dos acontecimentos noticiados também era múltipla, embora seja possível perceber o destaque atribuído pelo autor em sua seleção para fatos inusitados, ocorrências policiais, descobertas científicas, inovações tecnológicas e levantamentos que registravam tendências de comportamento. O processamento desse material inspirador conduzia a um texto ficcional, essencialmente narrativo. Assim, ao se deparar com um percurso diferente daquele trilhado por Antônio Maria e Rubem Braga, ambos afeitos a comentários e reflexões sobre os fatos expostos no noticiário - em manifestações que ora se salientavam pelo lirismo ora pela ironia -, Scliar dispunha-se a contar histórias. A opção do autor ilustrada por

essas histórias constitui um dado novo para retomar os vínculos entre literatura e jornalismo. É ele mesmo quem focaliza a questão:

Descobri que, atrás de muitas notícias, ou nas entrelinhas destas, há uma história esperando para ser contada, história essa que pode ser extremamente reveladora da condição humana [...]; são histórias que esqueceram de acontecer (SCLIAR, 2009, p. 11).

A percepção de uma história vislumbrada numa notícia, à espera para ser contada, propicia o destaque de elementos como o imaginário e o real na articulação entre literatura e jornalismo. Neste sentido, cabe verificar que muitas das notícias eleitas por Scliar em seu processo de recriação já possuíam o componente insólito, o que permite considerar que a realidade é por si só marcada por ocorrências surpreendentes. Em algumas situações, os acontecimentos que desencadeiam os textos do autor são simples, ordinários, como a entrada de um filme em cartaz, os resultados previsíveis de pesquisa sobre escolarização, a alta e a baixa de juros. Entretanto, na maioria das vezes, o que sobressai é o aproveitamento do inusitado que já integrava os fatos transformados em notícias, como o divórcio do casal que flertava involuntariamente entre si na Internet, a chegada de um cartão de Natal ao seu destinatário após um extravio que durou quase cem anos, a arma de fogo disfarçada sob a aparência de um aparelho de telefone celular e o leilão de óvulos de modelos famosas nos Estados Unidos. O que se fortalece nessa identificação de vínculos entre os textos de Scliar e a produção jornalística que lhes serve de estímulo é a valorização do ficcional e a perseguição do insólito. Nesse ponto, não deixa de ser interessante observar que mais uma vez o jornal proporciona matéria essencial à criação do autor de textos literários e que as afinidades entre as notícias e as ficções são muito evidentes. A título de curiosidade, vale ressaltar que Scliar relata sua hesitação quando recebeu a proposta para criar a coluna na *Folha*: “Quando recebi o convite para fazê-lo fiquei, a princípio, em dúvida: eu deveria escrever histórias - ou crônicas, como muitos outros colaboradores da imprensa brasileira?” (SCLIAR, 2002, p. 5). Ainda que o escritor tenha

recebido uma resposta clara - o que eles queriam eram ficções, narrativas -, os textos criados firmaram-se como crônicas. Aqui cabe a consideração de que tanto Scliar quanto seu interlocutor enveredam por uma rigidez em torno da terminologia que não se sustenta no que tange ao vocábulo “crônica”. De qualquer modo, foi sob essa denominação que o material foi reunido e editado nos livros *O imaginário cotidiano* (2002) e *Histórias que os jornais não contam* (2009). A designação dos escritos como crônicas e sua transposição para livros reforçam a amplitude do termo “crônica”, que serve a modalidades muito diferentes de textos, e reiteram as ideias de Arrigucci acerca da dificuldade de precisão conceitual do gênero, além de abrir espaço para a confirmação da autonomia com que a crônica circula. Assim, estar no jornal, ser criada para o jornal não impede que ela se transfira para o livro, nem elimina seu potencial para adquirir uma dimensão estética.

Para completar esse breve percurso pelas crônicas e pelo exame de seu lugar nas conexões e desconexões entre literatura e jornalismo, chegamos a dias bastante próximos, os da Copa do Mundo de futebol, realizada no Brasil em junho e julho de 2014 e de sua cobertura pela *Folha de S. Paulo*. Antes que esse movimento seja interpretado como um distanciamento cada vez maior da seara da literatura, explico. O interesse pelo jornal paulista e seu caderno dedicado à Copa decorre da incorporação de dois jovens escritores naquela seção: Antônio Prata e Eliane Brum. Ambos desfrutam já do reconhecimento nos meios literários com livros publicados por editoras de médio e grande porte (Prata é autor de *O inferno atrás da pia*, *Meio intelectual*, *meio de esquerda* e *Nu de botas*, entre outros títulos; Brum tem, entre suas publicações, o romance *Uma duas*, *O olho da rua* e *A vida que ninguém vê*), além de terem participações em feiras e festivais de literatura. Durante a Copa, a coluna de Prata, regularmente publicada aos domingos no caderno “Cotidiano”, foi deslocada para o caderno esportivo. Foi ali que localizamos sua crônica “Balanço” em que avalia a repercussão da derrota da seleção brasileira para a Alemanha. O ponto de partida do cronista é a comparação entre o impacto daquele vexame e a decepção de 1950, quando a equipe

brasileira perdeu a partida final contra o Uruguai. No texto, o enfoque recai sobre a situação contemporânea do país e a maior capacidade que o brasileiro de hoje tem para superar o trauma do fracasso esportivo, com uma autoestima melhor, proporcionada pelo próprio crescimento nacional. O texto de Eliane Brum, incluído no referido caderno, é uma longa reportagem sobre dois colegas do curso de Mestrado em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, publicada no dia em que as seleções de Brasil e Chile se enfrentariam em Belo Horizonte. A peculiaridade dos dois rapazes focalizados estava nos papéis desempenhados por eles fora do campo e dos estádios: um deles era policial militar, integrante da tropa de choque que conteria eventuais protestos; o outro era militante ativista, líder dos movimentos contra a realização da Copa no Brasil.

Os dois textos escapam, portanto, do mero registro de lances dos jogos ou de expectativas de escalação e de melhores táticas a serem adotadas. Estão longe do que costuma ser caracterizado como crônica esportiva, embora não se desliguem completamente do futebol e da Copa do Mundo, até porque tanto o esporte quanto a competição permitem e mesmo ensejam debates que não se restringem ao jogo em si: as polêmicas sobre racismo e as campanhas de combate ao preconceito que vêm marcando o ano de 2014 no futebol são uma prova contundente disso. A contribuição desses textos e de seus autores para a questão que envolve crônica, literatura e jornalismo está na ideia de mobilidade.

Antonio Prata é um jovem cronista que tem seu nome cada vez mais associado como um talento contemporâneo expressivo no gênero. Essa projeção dá a liberdade ao autor para circular por assuntos e áreas muito diferentes, incluindo-se aí o futebol. Assim, a opção de Prata é pela retomada do complexo de vira-latas abordado por Nelson Rodrigues lá nos anos 1950. No retorno a esse sentimento, porém, o cronista acrescenta sua perspectiva para a situação contemporânea: o estágio do Brasil não é mais o mesmo, nossa capacidade para reagir ao trauma já tem maior vigor, não somos mais

“fadados ao eterno subdesenvolvimento”, o “Brasil é melhor do que a sua seleção” (estabelecendo um jogo entre o uso de “Brasil” que designa tanto a nação quanto a seleção de futebol, às vezes até gerando uma convergência de significados que, no trecho, é deliberadamente desfeita), até chegar à última frase “Não sei quanto a você, amigo, mas esse futebol não me representa.” (PRATA, 2014). Cabe lembrar que essa crônica foi publicada apenas quatro dias após o massacre alemão sobre a seleção brasileira, isto é, muitos torcedores brasileiros ainda estavam perplexos com aquele resultado; ora, esse torcedor-leitor passa a ter ali uma oportunidade para reinterpretar a derrota. Além disso, o texto é carregado de um posicionamento ideológico sobre a vida nacional, a menos de três meses da realização das eleições. E ainda se pode avaliar que, em julho, o calendário do futebol brasileiro ainda tem vários eventos pela frente, mas aquele texto incluído no caderno esportivo não anima o torcedor a prestigiar as competições que continuam.

A questão da mobilidade também está próxima de Eliane Brum e de seu texto. Há, no trajeto da autora, vínculos mais fortes com o jornalismo propriamente dito: prêmios por seu ofício na imprensa - entre eles, o Jabuti de 2007 de melhor livro de reportagem, com *A vida que ninguém vê* - e atuação em veículos como o jornal *Zero Hora* e a revista *Época*, na condição específica de repórter especial. Esse quadro poderia nos fazer supor que Brum é somente uma jornalista; contudo, o volume acima citado assim como *A menina quebrada* são identificados como livros de crônicas, o que demonstra a ambivalência da escritora nas esferas jornalísticas e literárias. Os textos produzidos pela autora adquirem caráter híbrido seja no que se refere à linguagem empregada seja na expectativa de suscitar sensibilidades em graus variados no leitor.

Quanto ao texto incluído na *Folha de S. Paulo*, parece que seu reconhecimento como crônica tenderia a não ser o mais previsível. Trata-se, a princípio, de uma reportagem; no entanto, uma reportagem especial. São incorporados a ela os depoimentos do policial e do militante, é dada ênfase

ao fato de que ambos são colegas do mesmo curso de pós-graduação ostentando visões ideológicas muito diferentes e há alusões ao filme *Tropa de elite* pelas semelhanças com as experiências vividas pelos protagonistas do texto, assim concluído pela autora: “Hoje, Steevan e Luiz Fernando poderão se encontrar, em campos opostos. Esse drama brasileiro continuará depois da Copa, num país de pontes muito frágeis.” (BRUM, 2014). A sensibilidade de Eliane Brum manifesta-se também com o intuito de despertar o leitor para a fatura de papéis sociais a serem desempenhados. Ela se dispõe a arrancar esse leitor de uma posição unidimensional confortável na qual há espaços somente para uma perspectiva: seja a de alguém que sistematicamente condena as ações policiais, seja a de quem se opõe aos protestos e seus eventuais desdobramentos violentos. O fato de não ser uma especialista em futebol não perturba o deslocamento temporário da repórter especial para o caderno esportivo. Mais do que isso, é possível até pensar que a trajetória ambígua entre crônica e reportagem, entre literatura e jornalismo, favoreça a inclinação para criar um incômodo no leitor, para estimular nele a ampliação de seu repertório crítico.

A aproximação dessas questões para o contexto do ensino de literatura requer cuidados na avaliação das práticas docentes no ensino básico e superior e a articulação com reflexões sobre as estratégias didáticas e suas concepções teóricas subjacentes. Neste sentido, proponho a abordagem de três aspectos que são obviamente interligados: as concepções de literatura, a natureza das relações entre leitor e texto literário e a viabilidade da ampliação de oferta das leituras literárias aos alunos-leitores. É possível antecipar que em torno desses aspectos se mantêm questões como a posição da crônica diante de problemas relativos à legitimidade e ao cânone literário.

Já não é tão recente no Brasil a circulação de textos teóricos como os de Terry Eagleton e Jonathan Culler. O livro de Eagleton - *Teoria da literatura: uma introdução* - é de 1983 e teve tradução brasileira poucos anos depois. *Teoria literária: uma introdução*, de Culler, tem edição nacional desde 1999.

Pode-se dizer, assim, que a relativização na definição de literatura proposta por ambos é procedimento bastante comum nos últimos vinte anos em disciplinas de Teoria Literária ministradas nos cursos de graduação de Letras, o que levaria a pressupor uma familiaridade de grande parcela dos professores do ensino médio e superior com essas ideias. Tais contribuições teóricas, no entanto, parecem limitar-se ao espaço da referida disciplina, pois o que se percebe na organização curricular das demais etapas dos cursos de Letras e nos livros didáticos destinados ao ensino médio é a ênfase na história literária e a conseqüente valorização de obras canônicas e representativas para os estilos de época focalizados. Ora, não se pode acreditar que o processo de desmascaramento de argumentos vinculados a concepções de literatura mais tradicionais prevaleça quando se faz uma síntese do objeto literário eleito para o convívio entre o aluno e a literatura construído ao longo de três ou quatro anos. Em outros termos, não basta manter contato episódico com a contribuição teórica mais atualizada, com um determinado modo de definir literatura, se o que predomina amplamente durante essa experiência com o literário é o lugar de destaque para o texto canônico.

Essa é uma questão básica, segundo Annie Rouxel (2013, p. 17-18), para o exame das metodologias do ensino de literatura. De acordo com a autora, o estatuto do texto selecionado para estudo e sua “legitimidade” interferem sobre a noção de literatura a ser fixada, ao mesmo tempo em que refletem o apego a uma determinada concepção. Assim, a exclusão deliberada da crônica pode estar associada à resistência a uma “concepção extensiva da literatura” que, por sua vez, se contrapõe à restrição aos textos legítimos (ROUXEL, 2013, p. 18). Neste sentido, creio ser fundamental o contato efetivo de alunos com a crônica, estejam eles no ensino médio ou no superior, para que neles se torne mais firme a noção de que a literatura mantém laços estreitos também com o mundo fora do âmbito artístico. É preciso que, através do realce a ser atribuído ao vínculo da crônica com o jornalismo, o aluno perceba que o literário também está ali e não apenas nos textos mais prestigiados, marcados pelo apuro e pelo refinamento das altas elaborações estéticas. Essa

inclusão configura, assim, passo decisivo para a aproximação entre o aluno e a literatura e para o controle da mitificação da literatura que pode vir a ser muito mais nociva do que proveitosa. As crônicas abordadas aqui oferecem-se como material rico para um eventual contraste entre a produção jornalística e a literária, proporcionando ao leitor a experiência e o contato com o espectro de usos diversificados da linguagem.

É inevitável pensar que, no processo de aprofundamento do contato do aluno com textos literários, as experiências decorrentes da leitura passam a envolver graus maiores de complexidade, em contraste com anos de escolarização anteriores. Esse processo deve ser entendido como um conjunto de etapas, dinâmico e longo, marcado por transições e pela mediação do professor. Os tempos atuais, com seus apelos tecnológicos, podem até exigir cautela ainda maior desse mediador em suas estratégias de gradação. Rouxel, por exemplo, detecta nas pesquisas correntes sobre leitura literária algumas mudanças de paradigma: “Essa transformação da relação com o texto se traduz por uma reabilitação do fenômeno de identificação...” (ROUXEL, 2013, p. 19). Essa proposta de estimular que leitores se identifiquem com os textos, ao ser reabilitada na leitura literária empreendida por jovens, pode promover a consolidação de hábitos de leitura e do gosto. Pode, ainda, exercer papel central para a convivência com textos mais difíceis ou para a transição para eles. Teresa Colomer é mais uma estudiosa que não se exime de abordar a questão:

É óbvio que a maioria dos professores pensa que seu gosto é melhor do que o de seus alunos, e demonstra-o de várias maneiras: com palavras depreciativas ou de esperança de que um dia melhorarão. Em ambos os casos o problema consiste em que se abdica de ajudá-los a fazê-lo. A esperança educativa parece depositar-se apenas nos livros, nas leituras que, talvez, pouco a pouco, levarão os jovens em direção a outras leituras mais complexas. Mas sabemos que não se aprende a ler livros difíceis lendo apenas livros fáceis (COLOMER, 2007, p. 43-44).

O descompasso entre professores e alunos tende a ser, de fato, agudo, porém não se deve pensar que a única forma de combatê-lo é expor mecanicamente

a leitura a ser realizada e aguardar eventuais resultados positivos, o que caracterizaria atitude supostamente libertária, porém talvez até mais identificada com a omissão. Nem se deve compartilhar a ideia de que a saída está em fazer concessões sistemáticas, deixando o aluno livre para quaisquer leituras. A inserção do professor como mediador nesse processo é fundamental para a expectativa de algum êxito. Recorrer às crônicas com essas finalidades é medida que tende a ser produtiva, seja pela ambivalência do gênero - a “facilidade” garantida por sua linguagem coloquial e informal e a possibilidade de que ela porte sentidos mais “profundos”, transitando também por assuntos significativos -, seja pela condição de constituir uma leitura complementar eficiente: há grandes chances de sucesso em experiências de leituras de conto e de crônica de Machado de Assis, de poema e de crônica de Drummond, e de poema de Manuel Bandeira acompanhada de crônica de Rubem Braga.

Essa retomada da leitura literária com base na identificação entre o jovem leitor e o texto está intimamente ligada à necessidade de buscar uma seleção mais ampla de material a ser disponibilizado aos estudantes e lido por eles. A possibilidade de uma “atitude adversa em relação às obras canônicas” (COLOMER, 2007, p. 50) é concreta e nos leva a questionar até em que medida essa dificuldade de conciliação não se estende mesmo a nossos alunos que ingressam no curso de Letras. Afinal, tais estudantes são egressos do ensino médio e sua opção pelo curso pode estar - e com frequência é - desvinculada de expressivas afinidades com a literatura canônica, além do fato de ser plenamente viável que se desconfie do convívio com essas leituras, em termos quantitativos e qualitativos, haja vista a discutível eficácia das práticas docentes relativas à sua inserção naquele nível de ensino. Assim, Michèle Petit, ao se deter sobre as formas de contato de jovens da periferia com leituras em geral, aponta que a integração desses leitores com os textos literários não se faz apenas pelo romance ou pelo cânone. Segundo a autora, os jovens procuram nas leituras “algo que os toque independentemente das

categorias, das classificações convencionais, das linhas de divisão entre gêneros mais ou menos legítimos” (PETIT, 2009, p. 57).

A inclusão da crônica como produção válida para ampliar o repertório de leituras pode representar uma tentativa de preencher essa lacuna. O professor precisa estar atento à multiplicidade de textos e de gêneros disponíveis que guardam potencial para penetrar no universo dos jovens leitores. As expectativas contemporâneas de aderir com vigor a práticas comunicativas e de diversificar e acelerar acessos à informação são trunfos também da crônica que precisam ter seus vínculos com o jornalismo reavaliados. Essas conexões, longe de obscurecer a inserção do gênero no domínio literário que se afirma através de uma vocação estética inequívoca, podem ser trabalhadas a favor de uma intimidade maior entre as vivências do jovem e a leitura de literatura. A variedade de procedimentos com que os cronistas se apropriam das matérias jornalísticas - por meio do lirismo, da ironia, da reflexão e da ficção - constitui, enfim, rico painel à disposição do jovem leitor, para que ele possa ler o mundo e experimentar a literatura sob novas e estimulantes perspectivas.

Referências

- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BRAGA, Rubem. *O conde e o passarinho*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982a.
- BRAGA, Rubem. *A borboleta amarela*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982b.
- BRAGA, Rubem. *O homem rouco*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.
- CANDIDO, Antonio et. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: _____. (Dir.) *A literatura no Brasil*. 3. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986. v. 6.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, [s.d.].

MARIA, Antônio. *Benditas sejam as moças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução de Celina O. de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PORTELLA, Eduardo. A cidade e a letra. In: _____. *Dimensões I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1958.

PRATA, Antonio. Balanço. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 jul. 2014.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. Tradução de Neide L. de Rezende. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide L. de; JOVERFALEIROS, Rita (Org.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

SCLIAR, Moacyr. *O imaginário cotidiano*. São Paulo: Global, 2002.

SCLIAR, Moacyr. *Histórias que os jornais não contam*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

Recebido em: 8 de setembro de 2014.
Aprovado em: 30 de novembro de 2014.